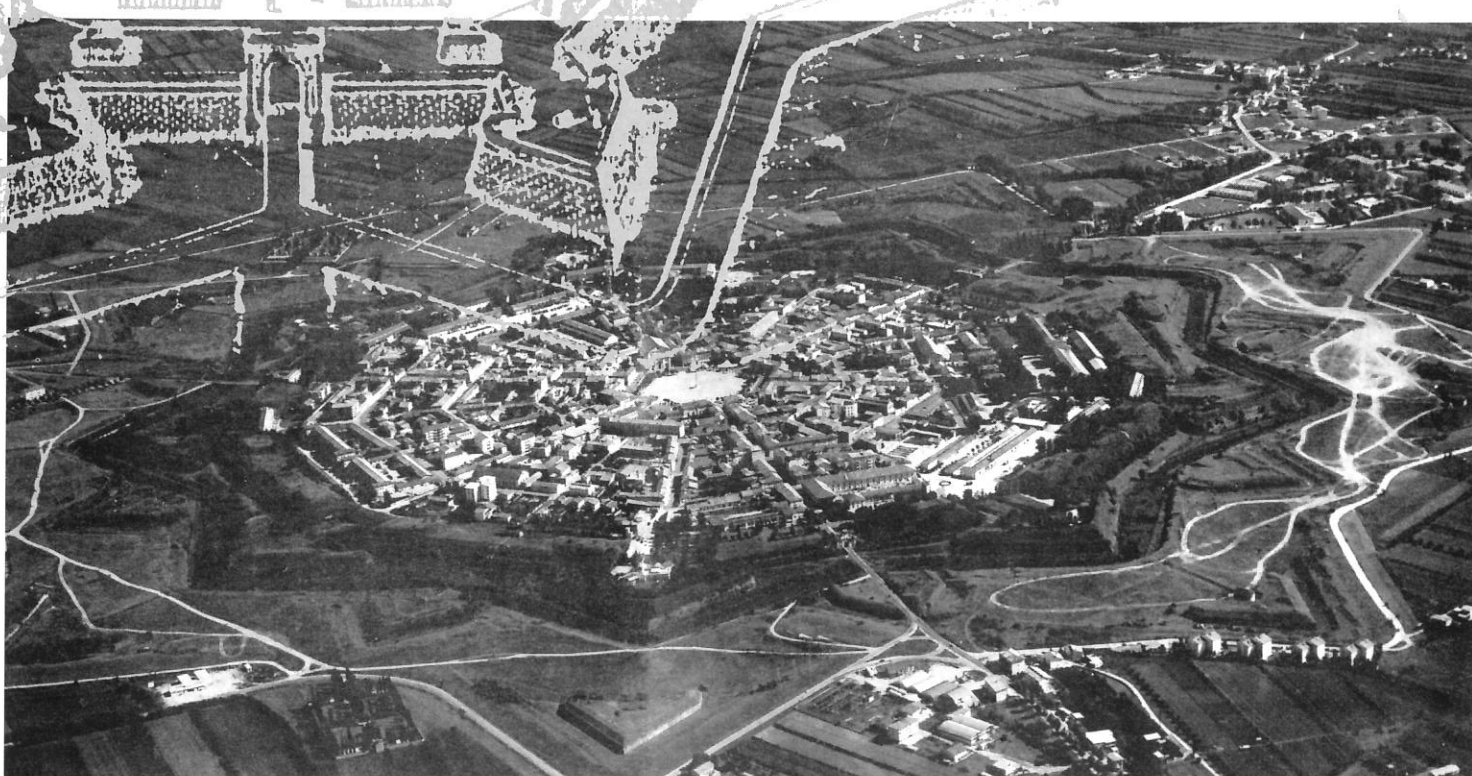


Grupo de venezia

Abilio Guerra
Álvaro Cunha
Marcos do Valle
Marcelo Palhares
Renato Sobral Anelli

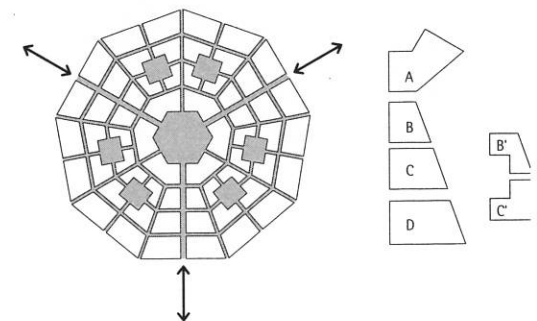
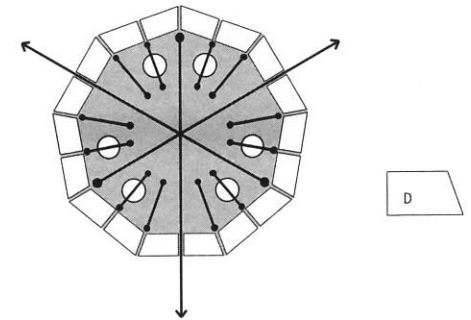
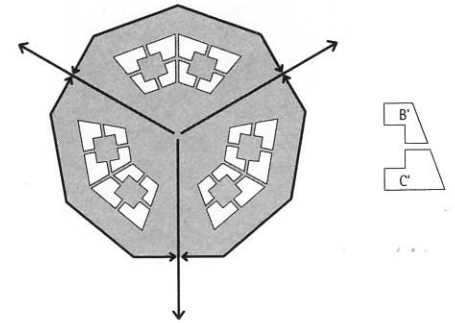
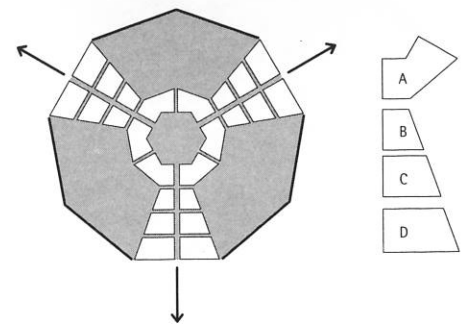
Projeto para Palmanova Bienal de Veneza 1985



Em 1985, durante 2 meses, nós, um grupo de arquitetos formados pela FAU/PUCCAMP, desenvolvemos um trabalho para Bienal de Veneza. Dentre os diversos temas disponíveis, o escolhido foi o de intervenção livre na cidade renascentista Palmanova. Não era uma escolha aleatória, mas uma afinidade eletiva. Na ocasião, três dentre nós estávamos desenvolvendo trabalho intelectual na área de história e tínhamos, naquele momento, a Renascença como um dos assuntos de interesse.

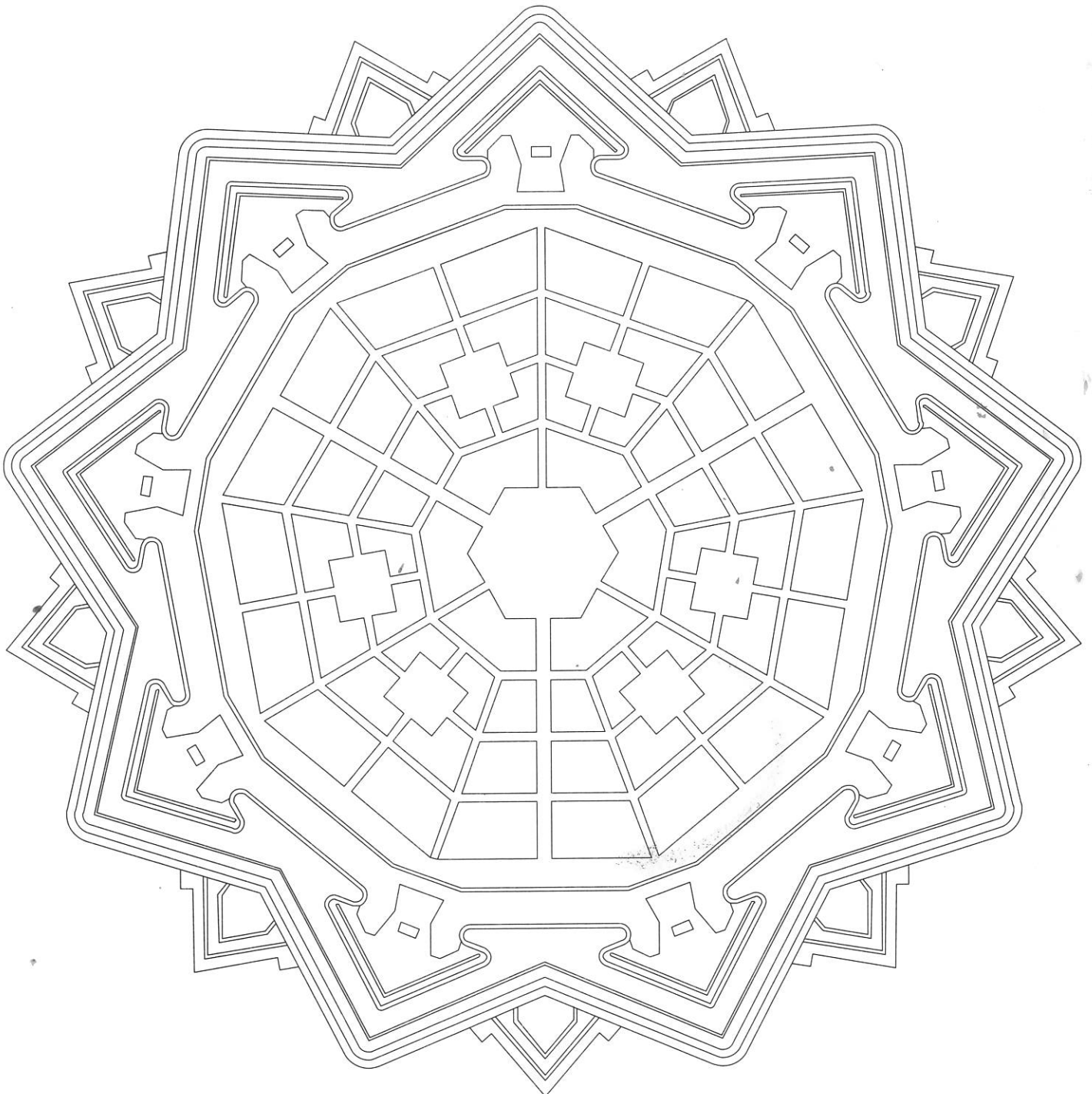
A cidade estelar de Palmanova nos colocava diante de questões muito instigantes; sua conformação estelar perfeita, seu caráter de grande talismã depositado sobre o solo, sua intrigante relação numérica — 3 entradas, praça central de 6 lados, perímetro em forma de estrela de 9 pontas —, e fundamentalmente, sua muralha contínua, conformando a urbe de uma maneira absoluta. Outra curiosidade era presença de uma torre nos mapas antigos e a inexistência da mesma nas fotos da cidade. Como era improvável uma demolição e como a torre aparecia desenhada com características muito diferentes através do tempo, nos colocamos como hipótese confiável de que se tratava de uma torre virtual, nunca construída. Palmanova assumiu para nós, naquele momento, o caráter de um domínio humano radical sob o território, a expressão mais contundente de um desejo quase que imemorial de um controle racional sobre a existência.

Dessas primeiras impressões, antes de partirmos para a formulação de programa, tentamos estabelecer qual seria nossa postura intelectual frente ao desafio. Os dados culturais e históricos, presentes não só nos documentos que nos foram enviados pela organização da Bienal, mas também em inúmeros documentos que coletamos, nos colocava frente à possibilidade de mergulhar naquelas informações, tentando com isso suprir nosso desconhecimento da localidade, abrindo-se a possibilidade de um trabalho mais adequado ao *locus*, mais condizente com as condições reais, sejam históricas sejam culturais. De uma questão prática — nenhum de nós conhecia pessoalmente a cidade, nem teria a chance de conhecê-la de imediato — chegamos a uma questão conceitual mais estruturada e — ao menos achamos isso naquele momento — mais profícua: independente de visitá-la ou não, éramos estrangeiros e assim deveríamos nos comportar.

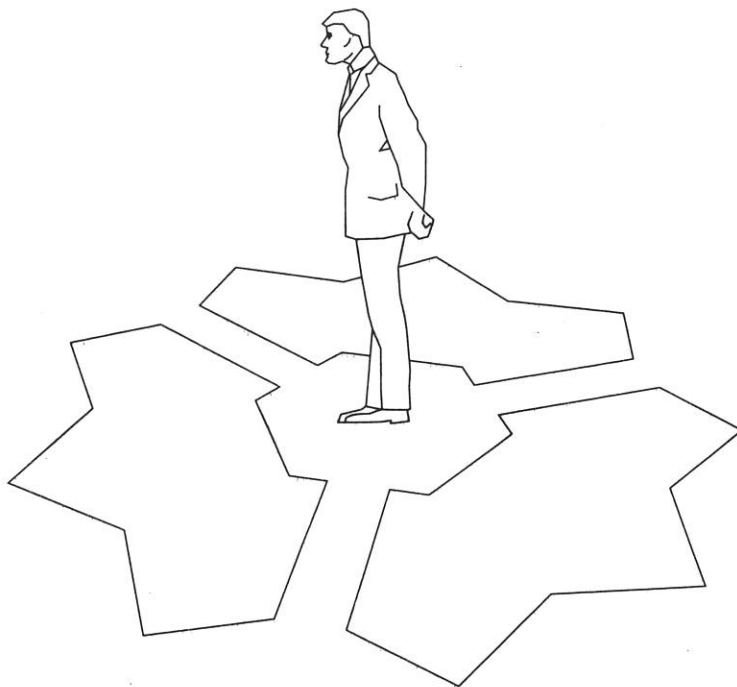


Esquemas
geométricos e
planta da cidade
de Palma Nova

Informações
cedidas pela
organização do
concurso

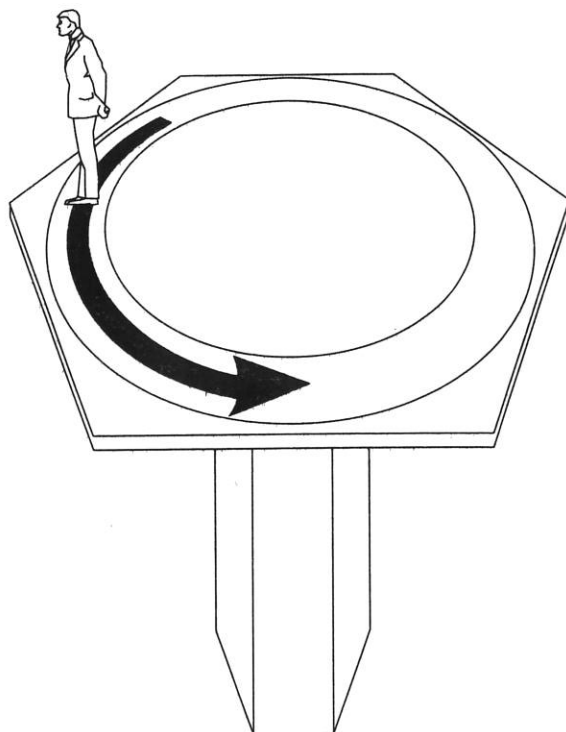


Esquema do projeto em exposição: três telas com o projeto final pintado são depositadas no solo na disposição de uma estrela. O afastamento correto entre elas conforma no chão três frestas e um espaço central, correlatos às três entradas da cidade e à praça central. Como todos os desenhos voltam-se para o centro, o observador-visitante deve colocar-se no ponto central e ir girando sobre os pés para ter a apreensão do projeto.



Esquema conceitual do mirante: o observador-turista é conduzido mecanicamente por uma esteira rolante circular.

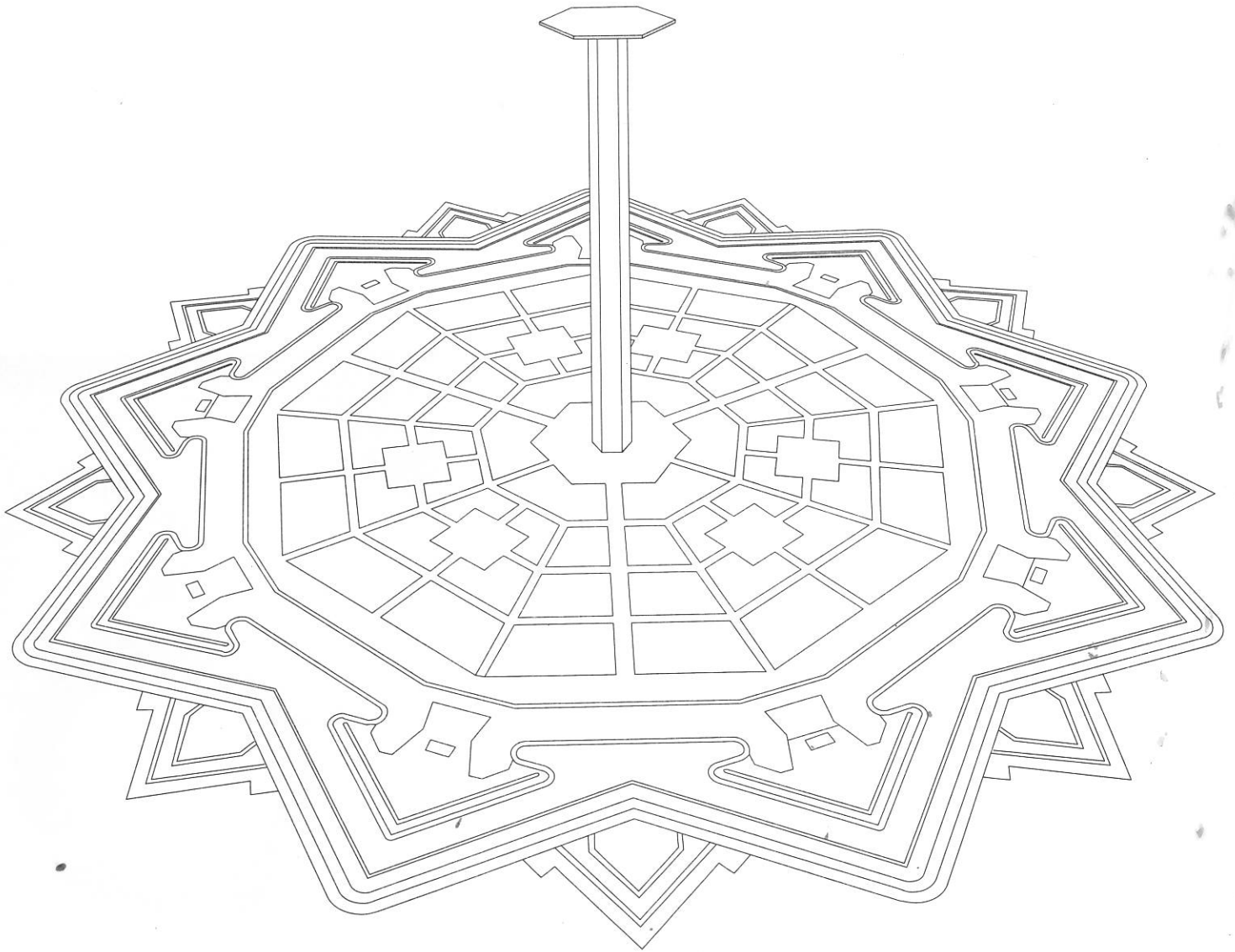
Na página ao lado Esquema conceitual do projeto: torre-mirante no centro da praça hexagonal.



O próximo passo foi a leitura e discussão de alguns textos. O primeiro foi *A Investigação de um Nômade*, conto literário escrito por um dos membros da equipe, especialmente para a ocasião. Este texto trata de uma maneira radicalmente abstrata questões que seriam suporte futuro do projeto: o estrangeiro, o nativo, a muralha, a torre, o nômade, o sedentário, a cidade murada, o deserto. O nômade, habitante do deserto instável, movediço, indefinível, era o personagem mais exótico, mais "estrangeiro" que poderíamos imaginar em relação a uma cidade normatizada, rigidamente projetada e construída. Outros dois textos foram estratégicos nas discussões e no projeto final: *A Prosa do Mundo*, de Michel Foucault; e *Blocos, Séries, Intensidade*, de Gilles Deleuze e Félix Guattari. O primeiro nos colocou diante da *episteme* renascentista, a presença hegemônica das *similitudes* na visão de mundo do período; do segundo nos apropriamos da correlação intelectual entre a *torre a muralha*, como também da oposição entre "dois estados da arquitetura": o *modelo astronômico* — visão transcendente, superior, intensionando a completude — e o *modelo terrestre ou subterrâneo* — visão imanente, de dentro, necessariamente parcial e fragmentário.

Somente após termos bem claro estas questões, passamos a discutir aspectos operativos, pragmáticos e programáticos. Supúnhamos, com a *ignorância* típica de um estrangeiro, que a vocação de Palmanova no mundo contemporâneo seria essencialmente turística, devido seu aspecto de *quase* um monumento arqueológico, sua carga de estranhamento frente às realidades urbanísticas da modernidade. Uma cidade feita para ser vista num vôo de pássaro. Solução: *uma torre-mirante*. Uma cidade retrato de uma época, de um período soterrado pelas camadas do tempo. Solução: *um museu-subterrâneo*. A partir dessas primeiras idéias, o projeto foi se estruturando em cima de um discurso que ora chamávamos de *paródico*, ora de *alegórico*.

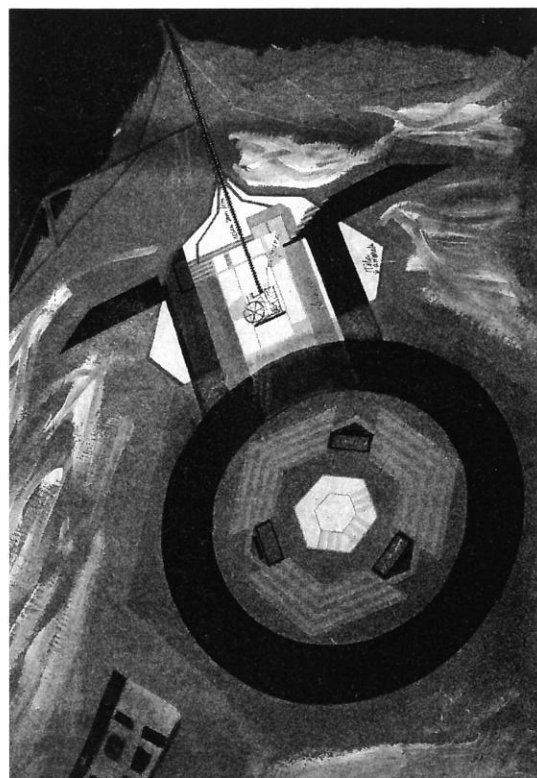
No topo da torre alocamos duas *engenhocas*: uma, referência às máquinas fantásticas de Leonardo da Vinci, consistia numa cobertura em lona vermelha sustentada por estrutura articulada de ferro, uma espécie de guarda-chuva que fecha-se ao contrário; a segunda, uma esteira rolante perimetral ao mirante, em movimento circular uniforme, era uma variante de um panorama do século XIX (maquinaria que antecede o cinema, onde uma platéia sentada em cadeiras tem diante de si uma enorme paisagem circulando ante seus olhos, dando a ilusão de uma apreensão de 360°), só que, ao

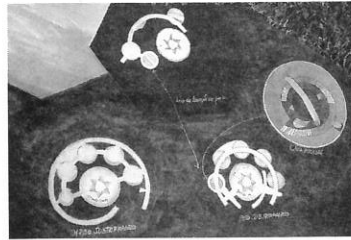
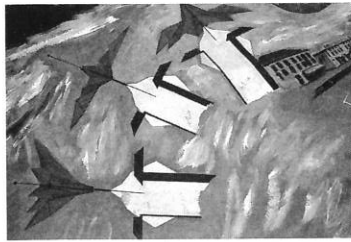


invés das fotos gigantescas o espectador veria realmente a paisagem urbana e rural circundante. O abrir e fechar da cobertura se daria segundo as vicissitudes do clima e permitiria que, durante a noite, com a iluminação direcional de um conjunto de holofotes sobre a cobertura fechada, a torre se assemelhasse, das diversas visadas das planícies circundantes, a uma enorme tocha.

Essa era a primeira de uma série de similitudes, ou analogias, que foram se acumulando no desenvolvimento do projeto: a torre, que nasce no subterrâneo, tem sua base semelhante a uma árvore; a cobertura, em vista, era parecida a uma terça parte da planta da cidade, e, em planta, era símile da forma estelar de Palmanova; o mirante da torre tinha como piso uma laje hexagonal, equivalente à praça abaixo dele; o subterrâneo, sucessão de espaços articulados por uma rampa elíptica em declive, assemelhava-se tanto a um rizoma tentacular como às catacumbas dos primórdios do cristianismo. A isso aliava-se uma estratégia de apresentação do trabalho, levando em conta sua exposição pública em uma Bienal.

Todo o projeto foi pintado em três telas cujo formato equivalia a um terço da planta da cidade de Palmanova e, na sua disposição sobre o solo, reconstituía as três entradas principais e a praça central hexagonal da cidade murada. Escolhemos a pintura, suporte pouco usual para a apresentação de um projeto de arquitetura, para evocar as pinturas feitas nas muralhas da Cidade do Sol, de Tommaso Campanella, símbolo da perenização do conhecimento humano através do tempo. Como os desenhos se organizavam em direção ao centro, o espectador se via obrigado a entrar por uma das *entradas* e se postar na *praça central* para observar o projeto de uma maneira mais clara. Mas, para vê-lo integralmente, teria que girar em torno do próprio corpo. Estaria assim condicionado à compreensão, com os seus olhos postos sobre o projeto da mesma maneira que um eventual visitante postado no alto da torre mirando a cidade.





Corte da torre e do subterrâneo

Esquema de fechamento da abertura

Plantas do Museu Subterrâneo

Vista noturna Cobertura transforma-se em "tocha"

Abaixo Perspectiva da praça central

Na página ao lado Corte e planta do topo da torre



Projeto para Palmanova A investigação de um nômade

Quando principiei a Investigação não tinha consciência dos motivos que me moviam, nem ao menos preocupei-me em procurá-los; tinha que fazê-lo — assim o julgava — mesmo sendo um procedimento pouco usual a um nômade, e eu sou um nômade. Ou melhor: era; minha tribo chamava de “seu território” aquele exíguo trecho de areia ocupado na noite, em pleno deserto, pelas tendas coloridas que, aos primeiros raios da inclemente Aurora, eram desmontadas com rapidez por homens experientes, homens nômades, e há muito deixei essa vida. Não que não desejasse, mas meu povo só conseguia empreender o nomadismo num deserto que mergulhasse por anos atrás do horizonte e o nosso deserto — tão imenso que à nossa consciência coletiva parecia infinito — foi paulatina e inexplicavelmente reduzindo-se, ao ponto de quase extinguir-se. Quem chama por deserto essa mediocre extensão de areia que brilha por detrás dessa janela gradeada, o faz indevidamente: nunca pôde entender o verdadeiro deserto.

Alados, chegam-me distantes instantes da infância: era noite, eu — menino então, um pequeno imberbe e impetuoso na insondável ingenuidade —, olhava maravilhado o deserto estrelado; as incontáveis estrelas do céu derramavam fulgentes brilhos na areia e sombras projetavam-se das tendas como ao dia. A meu pai, conhecedor de muito do mundo, dirigi algumas palavras: “Pai querido, acaba antes o deserto ou o céu?” Devolveu-me ele olhar complacente e sábia resposta (e quanto mais flui o tempo inexorável, mais certo fico disso): “A nós, mortais sublunares, inumeráveis são as estrelas do céu, impercorível é a extensão do deserto; ultrapassam infinitamente o que nos basta e a compreensão do pouco que nos cerca é suficiente para nossas ceias e nossas árias”.

A certeza paterna de uma escala incomensurável do mundo era também a certeza e bem maior do povo nômade. Viajar por impercorridas veredas, velar sob inconstitucionalas estrelas: destino errante de homens que não sonhavam esgotar o mundo. Ser nômade é proceder, pensar assim; já não o posso, a vida sedentária roubou-me esse bem supremo. E a recordação desse algo extinto, naqueles primeiros dias de sedentarismo, preenche-me de melancolia e evava-me em intrépidos passos ao topo da muralha quando o sol alcançava o poente, hora em que os nômades montarem acampamento, mas era um ato de pura nostalgia — junto com o deserto desapareceu minha tribo, suas caravanas e tendas, minha antiga vida.

É justamente a partir dessa condição de último da minha tribo, a proximidade de uma vida livre e despreocupada, o hábito incomum de engenhar instigantes perguntas, o fato de ser um estrangeiro na artificiosa cidade dos sedentários, por todos esses condicionantes, hoje explico o início da Investigação, tão importante à minha nova vida, sem motivos mais sólidos. Hoje me é bem claro que tudo tem explicação, ao menos é passível de uma.

Para ser bem sucedida, uma Investigação necessita de uma pergunta adequada. Essa convicção eu tinha desde o princípio, quando chegava-me cauteloso a alguma das muitas sentinelas e indagava-lhe respeitoso: “Nobre guardião, para que serve a muralha?” De imediato olhava-me retraído — sua tensão rebrilhando nos olhos inquisidores, como que temendo uma ironia ou uma charada mortal —, mas, certificando-se de minha seriedade, caía numa risada saborosa. “Ora, para que servem as muralhas, estrangeiro? Para nos defender dos inimigos, é evidente”. Assim, invariavelmente, respondiam à minha questão, não só as sentinelas como também os demais habitantes da cidade. Quanto à natureza do inimigo, meneavam os ombros: “Quem são eles? Sabe-se lá...”

A dificuldade inicial, ao invés do desestímulo, desencadeou uma insaciada mórbita própria dos investigadores envolvidos com seus mistérios, e um investigador gosta muito disso, ainda mais quando é um estrangeiro livre do trabalho compulsório. Inconteste a segurança que aos sedentários provoca a muralha; isso é visível em suas respostas, como também o é a pouca importância que dedicam ao que não situa-se dentro dos seus limites. O desprezo ao inimigo — “Quem são eles? Sabe-se lá...” — é uma convicção tão flagrante de superioridade que torna-se irrelevante o fato deles não existirem. Isso mesmo: os inimigos do Reino muralhado não

Quando cominciei l'investigazione non avevo coscienza dei motivi che mi spingevano e nemmeno mi preoccupai di cercarli; dovevo farlo — così la pensavo — pur essendo un procedimento poco usuale per un nomade, ed io sono un nomade, ossia, lo ero; la mia tribù prese per “suo territorio” quell'esiguo tratto di sabbia occupato di sera, in pieno deserto, dalle tende colorate che, ai primi raggi dell'inclemente aurora, venivano smontate con rapidità da uomini esperienti, uomini nomadi, e da molto abbandonai questa vita. Non che lo desiderassi però il mio popolo riusciva a imprendere il nomadismo solo in un deserto che si addentrasse per anni oltre l'orizzonte ed il nostro deserto — così immenso che alla nostra coscienza collettiva sembrava infinito — cominciò lentamente e inspiegabilmente a ridursi, al punto di quasi estinguersi. Chiunque chiami deserto a questa mediocre estensione di sabbia che brilla dall'altra parte di questa grata, lo fa indebitamente: non potrà mai capire il vero deserto.

Alati, mi vengono in mente distanti momenti dell'infanzia: era di sera, io — un ragazzino allora, in piccolo imberbe e impetuoso nell'insondabile infanzia —, guardavo meravigliato il deserto inestinguibile; le incontabili stelle del cielo versavano fulgenti raggi sulla sabbia e le tende proiettavano ombre, come di giorno. A mio padre, conoscitore di molte cose del mondo, rivolsi dubitosa parola: “Caro padre, finisce prima il deserto o il cielo?” Mi guardò con compiacimento e rispose saggiamente (e con più fluidezza il tempo inesorabile più mi rassicuro di ciò): “Per noi, mortali sublunari, innumerabili sono le stelle del cielo, impercorribile è l'estensione del deserto; oltrepassano infinitamente ciò che ci basta e la comprensione del poco che ci circonda è sufficiente per le nostre cene e i nostri canti.”

La sicurezza paterna rispetto ad una scala incomensurabile del mondo era anche la sicurezza ed il bene maggiore del popolo nomade. Viaggiare per impercorsi sentieri, vegliare sotto inconstituite stelle: destino errante di uomini che non sognavano esaurire il mondo. Essere nomade è procedere, pensare così; ormai non posso più farlo, la vita sedentaria mi rubbò questo bene supremo. Ed il ricordo di questo qualcosa estinto, in quei primi giorni di sedentarismo, mi riempiva di malinconia e mi portava ad intrépidi passi verso l'alto delle mura quando il sole raggiungeva il ponente, ora in cui i nomadi mettono acampamento, però questo era un atto di pura nostalgia — assieme al deserto scomparvero la mia tribù, le sue carovane e le sue tende, la mia antica vita.

È proprio a partire della condizione di ultimo della mia tribù, la prossimità di una vita libera e spensierata, l'insolita abitudine di ingegnare istiganti domande, il fatto di essere uno straniero nell'artificiosa città dei sedentari, per tutti questi fattori, oggi spiego aver iniziato un'investigazione così importante per la mia nuova vita senza motivi più solidi. Per me oggi è ben chiaro che tutto ha una spiegazione, almeno è passibile di una.

Per essere ben succeduta, un'investigazione deve avere una domanda adeguata. Questa convinzione ce l'avevo dal principio, quando mi avvicinavo ad alcuna delle molte sentinelas e gli domandavo rispettoso nel chiaro linguaggio sedentario: “Nobile guardiano, per che cosa servono le mura?” Immediatamente mi guardò sospettoso — la sua tensione risplendeva negli occhi inquisitori come se temessero un'ironia o un'enigma mortale — però, assicurandosi della mia serietà, scoppio

existem e o afirmo categoricamente como um nômade que fui; e um nômade conhece todas estas dunas de areia que cercam a cidade, como também os homens que sobre elas queimam os pés; e juro: num raio de centenas de quilômetros inexistem cidades inimigas. Claro, alguns vilarejos, mas apodrecem pervertidos pela pobreza e, da cidade muralhada, ou desconhecem a existência, ou concebem-na através de lendas como o paraíso. Fora isso, somente as escassas tribos nômade, mas sempre envolvidas com suas próprias escaramuças e longe do poderio militar necessário à uma guerra com uma rica cidade.

Intrigante ficção, e quando no andamento da Investigação utilizei esse argumento, não se mostraram surpresos ou ofendidos, apenas tomados por ânsia incontida em confeccionar resposta mais definitiva. "Estrangeiro", disse-me um sedentário, "o maior inimigo não está ao alcance das vigias da muralha ou mesmo da torre do palácio real, mas sim aos olhos de nossa razão. Não desprezo seu conhecimento do deserto que nos cerca, você, um nômade por natureza, um andante costumaz... Inconcebível, porém, fazer das coisas que viu as únicas existentes. No mundo campeiam a engenhosidade, a argúcia e a dissimulação, e os sentidos humanos soçobram ante a ilusão desses artificios. A prudência, antiga e decantada virtude humana, gêmea xipófaga da inteligência, é o verdadeiro princípio do procedimento humano. Ó, estrangeiro, enquanto andarihlava sobre ardentes dunas que circundam nossa cidade não poderiam nossos inimigos, através de arditosíssimos estratagemas, terem se ocultado de sua incômoda presença? Não teriam eles migrado para longínquas terras e, periodicamente, enviem emissários de leves pés e compridos olhos observar se esmorecemos em nossa vigília? Não é exatamente a ausência de vestígios materiais de sua presença, se pensarmos com prudente razão, indício silencioso e obscuro da infinita periculosidade dos inimigos? Sua hipotética existência é suficientemente legitimadora da muralha, não bastasse isso, antigas guerras estão marcadas em livros, pedras e telas, obras admiráveis de nossos mais excelentes artistas, legado petrificado de nossa história que demonstra o acerto da nossa conduta. Enquanto infinitos inimigos jazem sob camadas de terra sem descendentes para chorarem e louvarem seus feitos, nós, os do Reino muralhado, desdenhando dos uivantes ventos que deitam árvores e devastam plantações, zombando do revolto mar que a muitos traga ou aliena, ignorando relampejantes tempestades que florestas prenhes de vida reduzem a carvão calcinado, fincamos nossas pedras em segura rocha que desponta ao meio de areia que se desfaz, e aqui vivemos com os olhos postos no futuro. Por tudo isso, caro estrangeiro, nossos antepassados edificaram a muralha; é por isso que gerações anteriores a preservaram e embelezaram: para nos proteger dos nossos inimigos".

Belas palavras, às quais tenho fortes objeções. Longe da regularidade proposta por meu interlocutor, minhas andanças eram suficientemente desordenadas para surpreender estratégias de ocultamento. Mesmo faltando-me o atributo da onipresença, mesmo meus olhos de águia limitarem-se ao curvo horizonte, conectava-me à vasta rede de informações do deserto, um leva-e-traz de notícias de fluxo irregular mas eficaz, pois aos incodificáveis verbos dos povos errantes pouco sobrava do mundo visível. Aonde se esconderiam esses inimigos do Reino muralhado? Em misterioso buraco se as dunas tudo sepultam impelidas pelo vento? Além do deserto, em outros território, se a distância arrefece irremediavelmente os ânimos guerreiros? Não, não! Não existem esses temíveis homens, o que não significa sua inexistência anterior — como parece confirmar a história dos sedentários — e que, originariamente, não sejam de fato o motivo da construção da muralha. Mas isso aconteceu em tempos remotos, por mais que a terrível experiência da guerra tenha se perpetuado através da tradição, ela evidentemente desgastou sua vitalidade no atrito com os séculos, senão o bastante para motivá-los a uma radical demolição da muralha, com certeza a ponto de insensibilizá-los na conservação apurada. É outra, porém, a realidade: não só a preservaram, os esmerados sedentários, como a ornamentaram com fabulosas inscrições e pinturas.

in una grassa risata: "Suvvia, per che cosa servono le mura, straniero? Per difenderci dai nemici, è evidente!" Così, invariabilmente, rispondevano alla mia domanda, non soltanto le sentinelle come altri abitanti della città. Quanto alla natura del nemico, menavano le spalle: "Chi sono? Chi lo sa..."

La difficoltà iniziale, invece di scoraggiarmi, scatenò un' insaziata morbosa propria degli investigatori coinvolti dai loro misteri, e ad un investigatore piace molto questo, più ancora quando è uno straniero libero dal lavoro compulsorio. È incontestabile la sicurezza che le mura danno ai sedentari; ciò è visibile dalle loro risposte, e dalla poca importanza dispensata a tutto ciò che non è situato dentro dei loro confini. Il disprezzo al nemico — "Chi sono? Chi lo sa..." — è una convinzione così flagrante di superiorità che diventa persino irrilevante il fatto che loro non esistano. Proprio così: i nemici della Repubblica murata non esistono e lo affermo categoricamente come nomade che fui; ed un nomade conosce tutte le dune di sabbia che circondano la città, così come tutti gli uomini che su di esse bruciano i piedi; e lo giuro: in un raggio di centinaia di chilometri inesistono città nemiche. Certo, qualche villaggio, però marciscono pervertiti dalla miseria e della città murata, o ne disconoscono l'esistenza, o la concepiscono attraverso leggende come il paradiso. Oltre a questo, soltanto le scarse tribù nomadi, però sempre coinvolte nelle proprie scaramucce ed il loro potere militare non raggiunge la capacità di affrontare una guerra con una ricca città.

Intrigante finzione e, quando nell'andamento dell'Investigazione utilizzai quest'argomento, non si dimostrarono sorpresi o offesi, soltanto presi da un'ansia incontenuta in elaborare una risposta più definitiva: "Straniero", mi disse un sedentario, "il maggior nemico non può essere visto dalle torrette delle mura, nemmeno dalla torre del palazzo reale, ma dagli occhi della nostra ragione. Non disprezzo il Suo conocimiento del deserto che ci circonda, Lei, un nomade per natura, un viandante incallito... Inconcepibile, però, considerare le cose che vide le uniche esistenti. Nel mondo predominano l'ingegnosità, l'arguzia, la dissimulazione e i sensi umani si annientano di fronte all'illusione di questi artifici. La prudenza, antica e decantata virtù umana, gemella dell'intelligenza, è il vero principio del procedimento umano. Oh!, straniero, mentre camminava sulle ardenti dune che circondano la nostra città, non potevano i nostri nemici, per mezzo di arditissimi stratagemmi, essersi occultati alla Sua scomoda presenza? Non potrebbero loro aver migrato verso distanti terre e, periodicamente, inviare emissari dai piedi leggeri e dagli occhi lungimiranti per osservare se ci allentammo durante la nostra vigilia? Non è proprio la mancanza di vestigi materiali della loro presenza, se pensiamo con prudente ragione, indizio silenzioso e oscuro dell'infinita periculosità dei nemici? La loro ipotetica esistenza è giustificativa sufficiente per le mura, come se ciò non bastasse, antiche guerre sono raccontate su libri, pietre e tele, mirabili opere dei nostri più eccellenti artisti, legato petrificato della nostra storia che dimostra la giustezza della nostra condotta. Mentre innumerevoli nemici giacciono sotto strati di terra senza discendenti per rimpiangerli e lodare le loro imprese, noi, della Repubblica murata, disdegnando i venti ululanti che piegano gli alberi e devastano le coltivazioni, deridendo il mare mosso che a molti inghiottisce o aliena, ignorando lampeggianti tempeste che riducono foreste piene di vita a carbone calcinato, poggiammo le nostre pietre sulla roccia sicura che spunta in mezzo alla sabbia che si disfa e qui viviamo con gli occhi puntati verso il futuro. Per tutto ciò, caro straniero, i nostri antenati edificarono le mura; è per questo che generazioni posteriori le preservarono e imbellirono: per proteggerci dai nostri nemici."

Belle parole alle quali, però, ho forti obiezioni. Distante dalla regolarità proposta dal mio interlocutore, il mio girovagare era sufficientemente disordinato da sorprendere strategie di occultamento. Pur mancandomi il dono dell'onnipresenza e anche se il mio sguardo d'aquila non riusciva ad oltrepassare il curvo orizzonte, ero collegato alla vasta rete d'informazioni del deserto, un "andirivieni" di notizie di flusso irregolare ma efficace, poi agli incodificabili verbi dei popoli erranti poco restava del mondo visibile. Dove si nascondono questi nemici della Repubblica murata? In qualche misterioso buco, se le dune tutto sepelliscono spinte dal vento? Oltre il deserto, in qualche altro territorio, se la distanza raffredda irrimediabilmente gli animi guerrieri?

No, no! Non esistono questi temibili uomini, il che non significa la loro inesistenza anteriore — come sembra confermare la storia dei sedentari — e che, originariamente, non sia infatti il motivo della costruzione delle mura. Però questo fu in tempi remoti; per più che la terribile esperienza della guerra si sia perpetuata attraverso la tradizione, essa evidentemente consumò la sua vitalità nell'attrito con i secoli, se non il bastare motivarli ad una radicale demolizione delle mura, sicuramente al punto di renderli insensibili rispetto ad una conservazione più accurata. È tutt'altra, però, la realtà: non solo le preservarono, gli zelanti sedentari, come le ornarono con favolose iscrizioni e pitture.

L'Investigazione camminava verso una impasse. Io consideravo i nemici esterni come la più improbabile delle ipotesi, ma che cosa fare se questa era l'invariabile risposta dei sedentari? Cominciai ad aver dubbi sul mio procedimento e sulla validità della propria domanda. Mi mancava la logica scientifica? Familiare a tutti i sedentari, i quali la eleggono come forma ideale per logorare la verità, era da me sconosciuta, nomade che fui durante grande parte della vita. Mi restava la speranza di altri percorsi, non importando la loro costituzione labirintica, estesa, tortuosa; quello che conta è che ci siano. Indagare ai circostanti cose sciocche era il mio procedimento. L'idea di cambiare la questione mi parve, nell'occasione, la soluzione adatta per continuare l'Investigazione. Ricominciai con entusiasmo raddoppiato, consapevole che l'importante era non desistere.

Sorpresa! Il primo individuo interpellato — una semplice sentinella della parte orientale delle mura, abituato alle mie insensate (per lui) domande — il primo uomo che il destino mi dispose (Oh! Dio, come fu facile!), quella spregevole sentinella mi rispose alla domanda che, apparentemente, non si distingueva da un'altra qualsiasi che avrei potuto formulare: "Sentinella, per che cosa serve la torre?" Lui fissava le dune con occhi da cacciatore, sembrava contarle, e, pur conoscendo minuziosamente la torre — presenza perenne al centro dell'urbe — pur sapendo che le torri non si sfumano nell'aria, sentii un impulso incontentuto di voltarsi verso di essa e mirarne le feritoie, scrigni di un mondo a parte.

"La torre", iniziò il guardiano una volta finito il gesto reverenziale, "la torre è la dimora del principe, il suo posto d'osservazione. Dall'alto della torre donde si rivelano l'immenso deserto, le mura, le vie e le edificazioni regolari della città, dall'alto della torre veglia il principe per l'armonia della Repubblica. Egli è il più saggio e il più buono tra gli uomini, quello la cui essenza riunisce le più pure virtù e la cui ragione conosce le più profonde verità. Tuttavia, non è un caso fortuito della natura, ma uno tra gli uomini virtuosi che compongono la Repubblica, uomini che coltivano le buone abitudini e condividono i loro beni, uomini che vivono in comunità e sotto l'Impero della Ragione. L'armonia regna sovrana in un mondo dove il libero arbitrio individuale si rivolge per il bene di tutti, mondo dove proliferano i buoni ed i virtuosi, mondo dove il migliore fra di tutti è innalzato a Principe della Repubblica. Per l'armonia dei cittadini, delle vie e edifici regolari delle mura, dell'immenso deserto, insomma, per l'armonia della Repubblica murata veglia il principe dall'alto della torre, il suo posto d'osservazione, la sua dimora.

Immenso è il contentamento dell'anima! Così scandalosa la reazione del corpo! Uscii saltando come un capriolo e, sciogliendomi la lingua, gridai la mia allegria. Finalmente, l'Investigazione diede risultato! Lo stadio di movimento ritardato — a volte statico — fu superato; non era un progresso illusorio, era reale, e da questo punto in poi mi bastava seguire il corso naturale delle cose che la verità si sarebbe dimostrata limpida, nitida, come dev'essere la verità. Mi immaginavo approssimandomi ai piedi del trono reale con cerimoniose parole sulle labbra: "Mio Principe, per che cosa servono le mura?" Egli mi sorrideva attenzioso, con la sicurezza che soltanto lui — che vedeva tutto e che sapeva tutto sulla Repubblica, alto che era nello spazio e nella sapienza — avrebbe potuto rispondermi definitivamente. Mi invitava a sedere, posava le sue mani sulla mia testa — come fanno e devono fare i principi — mi guardava negli occhi e diceva la verità. Con questi ed altri virtuosi pensieri, mi diressi facendo capriole verso il centro dell'urbe.

Dentro al palazzo, un lungo fascio di luce illuminava in tutta la sua estensione una dominante scala elicoidale che partiva dal centro del fausto salone, attraversava

Caminava a Investigação para um impasse. Eu considerava os inimigos externos como a mais improvável das hipóteses, mas que fazer se era essa a invariável resposta dos sedentários? Comecei a ter dúvidas quanto a meu procedimento e da validade da própria pergunta. Carecia da lógica científica? Familiar a todos sedentários, os quais a elegem como forma ideal de lograr a verdade, era por mim desconhecida, nômade que fui durante grande parte da vida. Restava-me a esperança de outros percursos, não importando suas constituições labirínticas, extensas, tortuosas, contanto que existissem. Indagar aos circunstantes perguntas tolas era o meu procedimento. Mudar a questão avizinhou-se-me na ocasião como solução adequada para dar andamento à Investigação. Recomecei-a com ânimo redobrado, ciente que o importante era não desistir.

Surpresa! O primeiro individuo indagado — uma simples sentinela do lado leste, acostumado às minhas insensatas (para ele) perguntas —, aquele primeiro homem que o acaso me dispôs (Meu Deus, como foi fácil!), aquela reles sentinela respondeu-me à pergunta que, aparentemente, não distingue-se de qualquer outra que pudesse formular: "Sentinela, para que serve a torre?" Fixava ele as dunas com olhos de caçador, parecia contá-las, e, mesmo conhecendo minuciosamente a torre — presença perene no centro da urbe —, mesmo ciente que torres não esfumam-se no ar, sentiu a impulsão incontentida de virar-se para ela, mirar-lhe as janelas do seu topo, janelas de vidros limpos e escuros, enfrascadores de um mundo fechado e à parte.

"A torre", principiou o guardião, findo o gesto reverencioso, "a torre é a morada do príncipe, seu lugar, seu posto de observação. Do alto da torre, de onde descortina-se o imenso deserto, a muralha, as ruas e edificações regulares da cidade, do alto da torre vela o príncipe pela harmonia do Reino. Ele é o mais sábio e bondoso dentre os homens, aquele em cujo âmago reunem-se as mais puras virtudes e cuja razão conhece as mais profundas verdades. Não é, todavia, um acaso fortuito da natureza, mas um dentre homens virtuosos que compõem o Reino, homens que vivem em comunidade e sob o Império da Razão. A harmonia reina soberana num mundo onde o livre arbítrio individual direciona-se para o bem de todos, mundo onde proliferam os bons e os virtuosos, mundo onde o melhor dentre todos é elevado a Príncipe do Reino. Pela harmonia dos cidadãos, das ruas e edifícios regulares, da muralha e do imenso deserto, enfim, pela harmonia do Reino muralhado vela o príncipe do alto da torre, seu posto de observação, seu lugar, sua morada".

Tão grande o contentamento da alma! Tão espalhafatosa a reação do corpo! Sai às cambalhotas e, sem travas nos dentes, berrava minha alegria. A Investigação finalmente dera resultado! O estágio de movimento retardado — estagnado por momentos — fora ultrapassado; não era ilusão de progresso, ele existia de fato, e daí em diante era só seguir o curso natural das coisas que a verdade apareceria límpida, nítida como deve ser a verdade humana. Imaginava-me aproximando aos pés do trono real com cerimoniosas palavras nos lábios: "Meu Príncipe, para que serve a muralha? Ele sorria-me atencioso, certo que somente ele — que tudo vê e tudo sabe sobre as coisas do Reino, alto que está no espaço e na sabedoria — certo que somente ele poderia me responder definitivamente. Convida-me a sentar, deposita suas mãos sobre minha cabeça — como fazem e devem fazer os príncipes — olha nos meus olhos e diz a mim a verdade sedentária. Com esses e outros virtuosos pensamentos rumei, dando piruetas, para o centro da urbe.

Dentro do palácio, um longo fecho de luz iluminava por toda sua extensão uma dominante escada helicoidal que partia do centro do fausto salão, atravessava pisos recortados em vários níveis, encostava seus degraus no mais alto pavimento da torre. Sem hesitação, com decididos passos, escalei para o ápice do Reino.

Era belo o príncipe e não surpreendeu-se com minha intromissão. Trocamos discursos por horas, ouviu-me com profundez e dissertou sobre as mais diversas coisas, com tanta fluência e elegância, com tanta sabedoria e prudência, que jubilei-me de alegria. Quando indaguei-lhe

sobre a muralha, mostrou-se pouco parcimonioso e enveredou-se por alongada preleção da qual retive apenas o essencial. Disse-me que o Deus supremo — o único e verdadeiro, detentor do Poder, do Saber e do Amor, de onde derivam todas virtudes humanas — criou o universo do Nada; do Nada fez o corpo humano em belas proporções, os vegetais em abundantes espécies, as estrelas em diferentes brilhos, tudo regulado segundo um único e grandioso plano que, uma vez posto em funcionamento, independeria de qualquer reparo por parte do artífice da criação. Cada elemento do todo deveria deixar-se governar por sua natureza peculiar, proporcionando a ordem absoluta do universo, essência da felicidade e fim último da criação. A meliflua lua que gira em torno da mãe terra que gira em torno do sol que ilumina os rochedos que abriga o coioete que uiva para a meliflua lua: ordem perfeita de elementos obedientes à lei divina. Ao homem, filho preferido do criador, coube o melhor quinhão: a razão, natureza sob a qual deve se submeter incondicionalmente. Esse o motivo da muralha: delimita o território humano, esse pequeno mundo erigido sob o amparo da Razão. Dentro, edificadas, moradas de altos tetos e ruas de pedras recortadas, em consonância com as influências positivas dos corpos celestes, regentes das causas universais. No auspicioso reduto habitará o homem, livre da guerra, dos vícios, dos elementos impuros da raça, da extinção.

Quando salientei que parecia-me estranho que um Reino tão virtuoso abrigasse habitantes ignorantes da verdadeira razão da muralha, o príncipe soltou surpreendentes palavras: "A verdade, nobre estrangeiro, é o prêmio de árdua labuta de toda uma vida dedicada aos estudos das coisas, algo que muitos poucos alcançam e não antes da velhice. É obrigação dos sábios privilegiados conduzir seus concidadãos pelo reto caminho, impedindo que a mentira grasse e faça seu jogo desagregador. Mas, entre o falso e o verdadeiro existem muitas respostas possíveis que, sem serem objetivas, carregam coerência e saber prático e delas se servem os cidadãos no seu dia-a-dia. A crença que a muralha serve para nos defender de inimigos externos é dessa natureza; não se assemelha à mentira e, por outro lado, desencadeia toda uma ação coletiva na preservação da muralha, fator imprescindível para nosso modo de vida".

Ontem terminei a Investigação e, no mesmo instante, tomou-me em seus braços a desgraça. Sem motivos aparentes fui enclausurado em gradeada cela, essa mesma de onde miro as infinitas dunas de areia iluminadas pela primeira luz da manhã e onde espero a execução tão logo amanheça por completo. Agora que as horas escoam rapidamente, que o passado invade-me reapossando um corpo seu, que a morte entenebrece meus sonhos, pergunto-me com horror inotido *como puderam os sedentários deixar-me ir tão longe?*

Teria sido condenado no instante em que meus descalços pés emporcaltharam o alvo chão da urbe? Pensariam os sedentários que estrangeiros conspurcam seus corpos e maculam suas almas? Desse modo, tudo não passou de uma grande e terrível encenação: "*Deixem o estrangeiro divertir-se por uns instantes que o castigo virá no tempo certo!*" Meu Deus!, é por demais macabro para acreditar. Não!, são virtuosos os sedentários, educados anfitriões e dedicados filantropos, como a muitos outros estrangeiros receberam-me dignamente, e para sempre seria assim não tivesse eu empreendido a Investigação. Entretanto, avisaram-me cifradamente que a cidade muralhada não precisava de exóticos investigadores: suas repetitivas respostas eram sinais para que interrompesse o desatino, para que me conformasse a seus costumes, para que deixasse realmente o nomadismo e tornasse-me um sedentário. Contudo, fechei os olhos aos sinais de alerta e, resolutamente, continuei a Investigação, não para descobrir o segredo sedentário, mas para dar sentido à minha vida. Assomado pelas recordações, aproximo-me da extinção, mas a dúvida que me corrói é imortal.

pavimenti di diversi livelli, posava i suoi gradini sul più alto pavimento della torre. Senza esitare, con passi risoluti, scalai verso l'apice della Repubblica.

Era bello il principe e non si sorprese con la mia intromissione. Parlammo per ore di seguito, egli mi ascoltò con attenzione e dissertò sui più variati argomenti con tanta fluenza ed eleganza, con tanta sapienza e prudenza che giubilai d'allegria. Quando lo indagai rispetto alle mura, si dimostrò poco parsimonioso e fece una lunga prelezione della quale assorbii soltanto l'essenziale. Mi disse che il Dio supremo — l'unico e il vero detentore del Potere, del Sapere e dell'Amore, donde derivano tutte le virtù umane — creò l'universo dal Niente; dal Niente creò il corpo umano in belle proporzioni, i vegetali in abbondanti speci, le stelle con differenti sfavillii, tutto in armonia con un unico e grandioso piano che, una volta messo in funzionamento, independerebbe da ogni riparo da parte dell'artefice della creazione. Ogni elemento del tutto dovrebbe lasciarsi governare dalla sua natura peculiare, proporzionando l'ordine assoluto dell'universo, essenza della felicità e scopo della creazione. La meliflua luna che gira intorno al sole che illumina le rocce che riparano il coyote che ulula alla meliflua luna: ordine perfetta degli elementi ubbidienti alla legge divina. All'uomo, figlio diletto del creatore, spettò la miglior parte: la ragione, natura a cui deve sottometersi incondizionatamente. Questo è lo scopo delle mura: delimita il territorio umano, questo piccolo mondo eretto sotto la custodia della Ragione. Dentro vi sono dimore dai tetti alti e vie di pietre ritagliate in consonanza con le influenze positive dei corpi celesti, reggenti delle cause universali. In tale auspicioso ridotto abiterà l'uomo, libero dalla guerra, dai vizi, dagli elementi impuri della razza, dall'estinzione.

Quando gli fece osservare che mi sembrava strano che una Repubblica così virtuosa custodisse abitanti ignoranti della vera ragione dell'esistenza delle mura, il principe, sorprendentemente, disse: "La verità, nobile straniero, è il premio dell'arduo lavoro di tutta una vita dedicata allo studio delle cose, qualcosa che molto pochi raggiungono e non prima dall'anzianità. È l'obbligo dei pregiati saggi condurre i loro concittadini attraverso dritti sentieri, evitando che la menzogna cresca e faccia il suo gioco disaggregatore. Però, tra il falso ed il vero esistono molte risposte possibili che, senza essere obiettive, portano coerenza e sapere pratico e di esse si servono i cittadini nella loro vita quotidiana. La credenza che le mura servono per difenderci dai nemici esterni è di questa natura; non assomiglia alla menzogna e, d'altra parte, scatena tutta un'azione collettiva per la preservazione delle mura, fattore imprescindibile per il nostro "modus vivendi".

Ieri terminai l'Investigazione e, nel medesimo istante, la disgrazia mi prese nelle sue braccia. Senza motivi dichiarati, fui inclausurato in una cella, la stessa donde ammiro le infinite dune di sabbia illuminate dalle prime luci dell'alba e dove aspetto la mia esecuzione appena si faccia giorno. Adesso che le ore trascorrono rapidamente, che il passato mi invade rimpossessando un corpo suo, che la morte intenebra i miei sogni, mi domando con orrore incontenuto *come poterono i sedentari lasciarmi andare così lontano?*

Sarò stato condannato nell'istante in cui i miei piedi nudi sporcarono il candido pavimento dell'urbe? Avranno pensato i sedentari che gli stranieri sporcano i loro corpi e maculano le loro anime? Così, tutto non passò di una grande e terribile messa in scena: "*Lasciate che lo straniero si diverta per alcuni istanti perché il castigo verrà a suo tempo.*" Dio mio! È assai macabro da poter crederci. No! Sono virtuosi i sedentari, gentili anfitriões e dedicati filantropi; come a tanti altri stranieri mi ricevertero degnamente e sarebbe stato così per sempre se non avessi impresso l'Investigazione. Comunque, mi avvertirono cifradamente che la città murata non aveva bisogno di esotici investigatori: le loro ripetitive risposte, uguali in forma e contenuto, erano segni affinché interrompessi l'insensatezza, mi conformassi con i loro costumi, lasciassi veramente il nomadismo e diventassi un sedentario. Comunque, chiusi gli occhi alle evidenze del pericolo e, resolutamente, continuai l'Investigazione, non per scoprire il segreto sedentario, ma per dar senso alla mia vita. Disturbato dai ricordi mi avvicinavo all'estinzione, però il dubbio che mi corrode è immortale.

Uuando em 1913 Kasimir Malevitch, em sua tentativa desesperada de livrar a arte do peso inútil do objeto, buscou refúgio na forma geométrica e expôs um quadrado negro sobre fundo branco, a crítica o deplorou e, com ela, o público: "Tudo o que nós amávamos se perdeu: estamos num deserto, diante de nós há um quadrado preto sobre um fundo branco."¹

Segundo Robert Hughes um dos mitos da arte moderna é de que ela começou como um profeta no Deserto. A vanguarda era a marginal rejeitada e detentora da verdade. Hoje esse mito desapareceu; no início dos anos 70 a idéia de uma vanguarda na pintura, e na escultura já estava caindo; agora acabou, é parte do estilo de um período e nesse meio tempo, o próprio modernismo se tornou nossa cultura oficial.²

O percurso apresentado por Hughes, aparentemente de fácil compreensão, não pode ser apreendido sem distinguirmos três aspectos: um interno à linguagem da arte, desenvolvido pelo percurso da arte abstrata; outro externo e suporte desenvolvido pela criação de instituições, museus de arte moderna, galerias e mercado de arte (sistema da Arte); e o terceiro como resultado da interação entre os dois primeiros.

A noção de deserto norteou o desenvolvimento da linguagem da arte moderna em alguns momentos de sua história e em sentidos distintos. O primeiro deserto apresenta-se como a aniquilação da representação do objeto em arte. A representação de um objeto (isto é, o objeto enquanto razão de ser representado) é uma coisa que, em si, nada tem a ver com arte.³ A solução de Malevich para dissolver a representação e criar o deserto foi a apresentação da forma geométrica, que como pensamento representa-se a si mesma.

Esta é a condição de deserto: ter uma experiência direta do sujeito com o mundo; o de ser uma experiência primeira, sem intermediários.

A segunda condição de deserto foi apresentada por Marcel Duchamp, onde os objetos do mundo podem ser dissolvidos de seu reconhecimento através de um novo conceito. "O evento que tornou conceitual a possibilidade de 'falar uma outra linguagem', sem deixar de fazer uma arte que tivesse um sentido foi o primeiro readymade ajudado, de Duchamp. Com ele a arte deixou de ter por objetivo a forma da linguagem para visar o conteúdo desta, o que equivale a deslocar a natureza da arte de uma questão de morfologia para uma questão de função. Essa passagem da 'aparência' à concepção deu vida à arte 'moderna' e à arte 'conceitual'. Toda a arte (após

1 Malevitch, K (1878-1935), partindo da experiência cubista e futurista criou o suprematismo, movimento de tendência abstrata fundado na *sensibilidade pura*, tal como ele próprio define no texto e que é uma pequena parte do livro *Die gegenständliche Welt (O Mundo sem Objetos)*, publicado em alemão, em Munique, em 1927, e até hoje não traduzido. O trecho foi traduzido para o francês por Michel Seuphor e inserido em seu *Dictionnaire de la Peinture Moderne*. Transcrito do Jornal do Brasil, 1959. In *Projeto Construtivo na Arte: 1950-1962* (supervisão, coordenação qual e pesquisa: Aracy A Amaral) Rio de Janeiro, Museu de Arte Moderna; São Paulo, Pinaco-teca do Estado, 1977, p. 32

2 Hughes, Robert *The future that was in The shock of the New*, série de TV escrita e apresentada por Robert Hughes e produzida por Lorna Pegram, BBC TV, produção associada com Time Life Films e RM Productions, Munique

3 Malevitch, K. Op cit p 34

4 Fusco, Renato de *A linha da redução in História da Arte Contemporânea* Editorial Presença, Lisboa, 1988 p 344

5 Idem, *ibidem*, p 346

6 Idem, *ibidem*, p 336